



# Apresentação

O mundo contemporâneo tem promovido uma sociabilidade que não se deixa aprisionar. Aproximações e afastamentos, isolamentos e aberturas, risco e complexidade, povoam o cenário de representações de um mundo em configuração. A globalização econômica aproxima os mercados, a revolução tecnológica institui uma nova concepção de tempo e de espaço, e as biografias ganham o mundo na mesma intensidade e velocidade com que as particularidades culturais reafirmam sua posição de pertença identitária e sua relação com o local. O mundo parece se abrir e se fechar ao mesmo tempo. Nada está tão longe que não possa interessar ao local nem tão perto que seja desprezível e sem importância para as relações globais. Cultura, mercado, tecnologia, direito, são todos afetados por uma onda de implicações paradoxais.

A massificação da cultura convive ou é respondida com demandas identitárias por reconhecimento cultural tipicamente local; o incremento tecnológico, à medida que melhora os acessos ao mundo como possibilidade de trocas, produz também novos conceitos de exclusão e de isolamento; o mercado se globaliza ao mesmo tempo em que fragiliza e sufoca as economias tradicionais; e o direito, para se universalizar e se tornar uma referência substancial para tratar das questões internacionais, precisa romper com os conceitos modernos que fecham os Estados nacionais em torno de si mesmos e reduzem a potencialidade de sua atuação na resolução dos problemas globais, que extrapolam a ideia de soberania e atacam a humanidade como um todo. Afinal, as catástrofes ambientais não respeitaram fronteiras, o capital financeiro não tem pátria, as operações industriais

são transnacionais, a tecnologia aproxima os lugares mais remotos, os produtos culturais definem padrões globais de consumo, e o terrorismo e o tráfico de drogas se organizam internacionalmente, a ponto dos desafios e temas globais passarem a alcançar e, em certa medida, interessar e preocupar o indivíduo não na qualidade de nacional, mas em razão de sua humanidade comum.

Pensar o papel do Direito nesse contexto de substanciais transformações é um grande desafio para os cursos jurídicos. Quase sempre marcada pelo positivismo ortodoxo que impede de pensar o novo, a formação jurídica brasileira encontra-se numa crise epistemológica e instrumental que paralisa as iniciativas e reproduz uma míope e precária leitura do fenômeno jurídico na sociedade contemporânea. Mesmo com tantos avanços democráticos que a Constituição de 1988 promoveu no país, inaugurando um novo pacto político e uma nova agenda para a sociabilidade, o modelo jurídico dominante permanece fiel ao passado de dogmatismos e a verdades jurídicas desconectadas do mundo real. De fato, precisa ser inaugurado um novo tempo para o direito, com novos saberes e compreensões; novas práticas jurisdicionais, mais eficientes e democráticas; novo pacto republicano que impeça a colonização do Estado pelos Três Poderes e que reforce o papel do Direito e da política sem torná-los categorias indistintas, como atualmente se percebe na crescente judicialização da política.

Conectada ao seu tempo e às necessidades de um mundo em transformação, a *Revista Direitos Humanos e Democracia* chega ao seu segundo ano de existência e ao seu terceiro número reforçando sua missão de divulgar um pensamento crítico e interdisciplinar, capaz de pensar o Direito fora dos seus lugares comuns. Preocupada com o presente e o futuro dos direitos humanos e com a consolidação da democracia, a revista tem privilegiado abordagens teórico-críticas que reforcem a dependência substancial entre direitos humanos, democracia e políticas públicas.

O fato de ser uma revista com apenas dois anos de vida não significa que seu conteúdo tenha sido negligenciado. Pelo contrário, percebe-se, desde seu primeiro número, que os parâmetros formais e substanciais de editoração têm sido rigorosamente atendidos. Em sintonia com todas as exigências do sistema Capes Qualis de periódicos, pode-se dizer que a *Revista Direitos Humanos e Democracia* se insere com qualidade no cenário daqueles periódicos que merecem ser lidos. A leitura deste número atestará ao leitor as razões de nosso otimismo.

Boa leitura a todos.

*Douglas Cesar Lucas*

*Fabiana Marion Spengler*

*André Leonardo Copetti Santos*